



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA LETÍCIA COSTA VIEIRA

**PRÁTICAS DE MEMÓRIA NA CULTURA ESCOLAR NO COLÉGIO ALFREDO
DANTAS (1968- 1987)**

**CAMPINA GRANDE
2019**

MARIA LETÍCIA COSTA VIEIRA

**PRÁTICAS DE MEMÓRIA NA CULTURA ESCOLAR NO COLÉGIO ALFREDO
DANTAS (1968- 1987)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba- Campus I, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V658p Vieira, Maria Leticia Costa.
Práticas de memória na cultura escolar no colégio Alfredo Dantas (1968- 1987) [manuscrito] / Maria Leticia Costa Vieira. - 2019.
45 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão. ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Cultura Escolar. 2. Memória. 3. Ditadura Militar. 4.
Práticas educativas. I. Título
21. ed. CDD 981.063

MARIA LETÍCIA COSTA VIEIRA

**PRÁTICAS DE MEMÓRIA NA CULTURA ESCOLAR NO COLÉGIO ALFREDO
DANTAS (1968- 1987)**

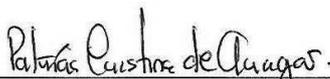
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Licenciatura Plena em
História do Centro de Educação da
Universidade Estadual da Paraíba- Campus I,
como cumprimento aos requisitos à obtenção
do título de graduado em Licenciatura plena em
História.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de
Aragão

Aprovada em: 03 / 12 / 2019 .

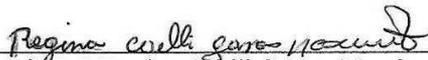
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora



Prof. Me. Roberto Silva Muniz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador



Prof.^a Dr.^a Regina Coelli Gomes Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Examinadora

AGRADECIMENTOS

A palavra *Gratidão* configura como um dos sentimentos mais bonitos que podemos, enquanto seres humanos, sentir pelos outros, a partir dela outros sentimentos tomam meu coração, como o amor, o companheirismo, a resiliência, a fraternidade e a amizade, sentimentos que me deram base para iniciar e finalizar a trajetória que percorri durante esses quatro anos na Universidade Estadual da Paraíba.

Hoje agradeço a *Deus* por todas as minhas escolhas que me levaram a me formar Historiadora e por todo cuidado e carinho com que Ele escreveu minha história até aqui, me apresentando e me colocando ao lado de pessoas especiais, me dando forças e coragem para conquistar meus sonhos, que não são poucos.

Agradeço aos meus pais, *Maria Helena e José Rivel*, por toda dedicação, cuidado e educação, por não medirem esforços para minha criação e formação, vocês são meu porto seguro, minha morada, junto aos meus irmãos, *Leonardo e Laerte*, meus grandes amigos e exemplos, que, mesmo me vendo como a “irmãzinha” deles, acreditam no meu potencial.

Ao meu companheiro de vida e jornada *Gabriel*, que, desde o início da graduação estive ao meu lado, me apoiando e escutando minhas ideias, sendo cuidadoso e zeloso para comigo e o nosso relacionamento, me dando alegria para continuar.

Aos meus amigos de graduação, em especial *Milena Xavier e Keine*, que escutaram minhas preocupações, que dividiram as cargas do curso e que se fizeram amigos e irmãos durante a trajetória acadêmica.

Meus sinceros agradecimentos ao *Colégio Alfredo Dantas* e ao *Professor Paulo*, que abriu as portas e as memórias de sua instituição para a construção da presente pesquisa.

Aos meus *professores da graduação*, que me fizeram olhar para o mundo de uma forma única e sensível, cada um à sua maneira.

E minha eterna gratidão à *Professora Patrícia Cristina de Aragão*, que, ao longo de três anos foi minha orientadora, mentora, professora, amiga e mãe, que me acolheu em seus projetos e viu em mim o que eu não conseguiria enxergar sozinha, sou grata por todas as orientações e conselhos, por todos os ensinamentos e amizade.

RESUMO

O trabalho com memória no contexto da cultura escolar, permite compreender as práticas educativas desenvolvidas no espaço escolar, em diferentes temporalidades e realidades sociais e suas representações educacionais. Na memória educativa de Campina Grande-PB, o Colégio Alfredo Dantas fez parte e possibilitou a construção de práticas educativas formativas da história. Este estudo versa sobre a Cultura Escolar nesta instituição, a partir das festividades, dos desfiles cívicos, do fardamento que apontam para sensibilidades educativas, cujos atos de memória permite depreender. Nossa proposta é trabalhar com a Cultura Escolar desenvolvida no Colégio Alfredo Dantas no período de 1968- 1987. Nosso objetivo geral é discutir como foi produzida a cultura escolar e de que modo as práticas de memórias elaboradas pelos artefatos arquivísticos permitem compreender a trajetória da instituição no período da Ditadura Militar e no processo de redemocratização brasileiro. Este estudo se situa no campo da Nova História Cultural em diálogo com a História da Educação a partir das práticas de memória em que trabalhamos com as perspectivas de Dominique Julia (2001) sobre Cultura Escolar e com Roger Chartier (2003) definindo práticas e representações. A abordagem metodológica dessa pesquisa centra-se na pesquisa bibliográfica e documental e a análise dos artefatos do arquivo e acervo do Colégio Alfredo Dantas, tais como fotografias e fardamentos, assim como festividades e eventos cívicos. A partir do nosso estudo foi possível compreender historicamente como a educação de gerações inteiras foram influenciadas no período da Ditadura Militar e quais mudanças esse período causou no ensino de história e na configuração da cultura escolar desta instituição de ensino, sabendo que é a partir das práticas e representações que se vivencia na escola que se constrói a identidade. Nesta perspectiva, nosso estudo abre portas para a construção da memória educativa do Colégio Alfredo Dantas, com destaque dado a influência da Ditadura Militar (1964- 1985) sobre a cultura e o cotidiano escolar na trajetória da instituição.

Palavras-chave: Cultura Escolar. Memória. Ditadura Militar. Representação.

ABSTRACT

Working with memory in the context of school culture allows us to understand the practices developed in the space of school, in different temporalities and social realities and their educational representations. In the educational memory of Campina Grande-PB, the Colégio Alfredo Dantas was part and enabled the construction of formative educational practices of history. This approach the School Culture in this institution, from the festivities, the civic parades, the uniforms that points to educational sensibilities, whose acts of memory allow us to understand. Our proposal is to work with the School Culture developed at Colégio Alfredo Dantas from 1968-1987. Our general objective is to discuss how the school culture was produced and how the memory practices elaborated by the archival artifacts allow us to understand the institution's trajectory in the period of the Military Dictatorship and in the process of brazilian redemocratization. This study is located in the field of New Cultural History in dialogue with the History of Education from the memory practices in which we work with the perspectives of Domenique Julia (2001) on School Culture and with Roger Chartier (2003) defining practices and representations. The methodological approach of this research focuses on bibliographic and documentary research and the analysis of artifacts from the Alfredo Dantas College archive and collection, such as photographs and uniforms, as well as festivities and civic events. From our study it was possible to understand historically how the education of entire generations were influenced in the period of the Military Dictatorship and what changes this period caused in the teaching of history and in the configuration of the school culture of this educational institution, knowing that it is from the practices and representations that are experienced in the school that builds identity. In this perspective, our study opens doors for the construction of the educational memory of the Colégio Alfredo Dantas, with emphasis given to the influence of the Military Dictatorship (1964-1985) on the culture and school daily life in the trajectory of the institution.

Keywords: School Culture. Memory. Military Dictatorship. Representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Fachada do Colégio Alfredo Dantas no ano de 1974.....	24
Figura 2- Fundadores da Instituição.....	25
Figura 3- Desfile de 7 de setembro no ano de 1969.....	28
Figura 4- Professor Loureiro em uma de suas participações em sala.....	29
Figura 5- Desfile de 7 de setembro nos anos 60.....	31
Figura 6- Se os homens se unirem, seremos o amanhã.....	32
Figura 7- Fardamento na cor Caqui, anos 60.....	34
Figura 8- Desfile cívico, anos 70.....	35
Figura 9- Fardamento marrom e branco, anos 70.....	36
Figura 10- Turma de concluintes- 1987.....	37

SUMÁRIO

REFLEXÕES INICIAIS.....	08
1. NOS FIOS E TRAMAS DA MEMÓRIA, TECENDO OS CAMINHOS DAS PRÁTICAS DA CULTURA ESCOLAR.....	15
1.1. Das memórias escolares às práticas da cultura escolar no Colégio Alfredo Dantas.....	15
1.2. Práticas de Memória e Apropriação: O saber histórico e o espaço escolar.....	19
2. MEMÓRIAS QUE EDUCAM, HISTÓRIAS QUE SE ENTRELÇAM.....	23
2.1. Antecedentes históricos: Percursos de memória, trajetos de histórias.....	23
2.2. Trajetos históricos do Colégio Alfredo Dantas (1968- 1987)	27
3. PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES E SENSIBILIDADES DAS MEMÓRIAS NAS CONFIGURAÇÕES COTIDIANAS DO ESPAÇO ESCOLAR.....	32
3.1. Vestindo civilidade e praticando moralidades: fardamentos e festividades escolares.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
APÊNDICE- A OFÍCIO PARA COLETA DE DADOS.....	44

REFLEXÕES INICIAIS

“Observamos, então, a escola como uma instituição impar, que se estrutura sobre processos, normas, valores, significados, rituais, formas de pensamento, constituidores da própria cultura, que não é monolítica, nem estática, nem repetível.” (Fabiany Silva, 2006, p.205).

A epígrafe acima nos leva a refletir sobre a escola como um espaço de cultura que desenvolve práticas e representações culturais importantes para os estudos históricos e, sobretudo, para o contexto da História da Educação em relação às práticas educativas. A partir das produções culturais de uma escola, a história e memória dessa instituição abrem portas para o ofício do historiador, pois este, através desse tipo de pesquisa, consegue ressignificar, num dado contexto histórico temporal e espacial da História da Educação, a perspectiva da Cultura Escolar.

A partir dessa percepção, ao voltarmos nosso olhar para historiografia paraibana, particularmente a História da Educação campinense, percebemos que esta tratou de discutir perspectivas variadas sobre a participação das instituições escolares no processo histórico da cidade, levando em consideração que Torrinha, 1945 *apud* Saviani, 2007:

A palavra “instituição” deriva do latim *institutio, onis*. Este vocábulo apresenta uma variação de significados que podem ser agrupados em quatro acepções: “1. Dispositivo; plano; arranjo. 2. Instrução; ensino; educação. 3. Criação; formação. 4. Método; sistema; escola; seita; doutrina” (SAVIANI, 2007, p.1)

Partindo da definição supramencionada nossa ponte de discussão é sobre uma instituição escolar que está em atuação há de cem anos em Campina Grande, a qual tomamos aqui como nosso objeto de estudo, o Colégio Alfredo Dantas. Assim, compreendemos que, no contexto histórico-educacional, ele apresenta importância educacional, formativa e cultural para a História da Educação campinense e paraibana.

Sabemos que a escola faz parte de uma parcela da nossa construção enquanto seres humanos, tendo em vista que no interior dela existem complexidades e relações diversas, estas produtoras de culturas que se multiplicam e ganham sentido ao longo das nossas vidas. Por sua vez, o Colégio Alfredo Dantas é responsável por fazer parte da educação de diversas gerações na cidade de Campina Grande, assim, a partir de sua cultura própria e única, torna-se um palco da construção de uma sociedade.

Assim, como o espaço escolar nos apresenta experiências únicas e que têm a capacidade de marcar nossas vidas, faz parte da nossa pesquisa discutir como é produzido esse processo de construção de uma cultura própria da escola, pois, de acordo com SILVA (2006, p. 206):

A escola é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre determinações externas a ela e as suas tradições, as quais se refletem na sua organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmento, fracionado ou não. (SILVA, 2006, p. 206).

Ao pensar sobre o que pesquisar, nós nos deparamos com milhares de questionamentos que, atualmente, não têm respostas. A partir da inquietação daquilo que ainda não foi dito, somos impulsionados a pesquisar e, apesar de já existirem pesquisas no campo da História da Educação sobre a Cultura Escolar, inclusive sobre a instituição de ensino que escolhemos desenvolver esse estudo, o Colégio Alfredo Dantas, nenhum outro trabalho aprofundou o ponto que abordaremos.

A nossa problemática central se configurou em discutir como é produzida uma cultura escolar e de que modo às práticas de memórias elaboradas em seu cotidiano permitem compreender a trajetória da instituição no período da Ditadura Militar e no processo de redemocratização (1968- 1987), fazendo com que as histórias e memórias existentes a respeito desse período sejam ressignificadas a partir da nossa investigação e pelas páginas da nossa pesquisa.

Esse período é imprescindível para entendermos como era o contexto antes da Ditadura, durante e depois, levando ainda em consideração a influência que esses anos tiveram sobre a configuração da sociedade. O nosso principal objetivo, quando pensamos acerca desses aspectos, é mostrar a importância da discussão a respeito da Cultura Escolar no contexto da pesquisa em História no campo educacional, fazendo uma ponte entre a temática e as nossas motivações.

A partir da nossa investigação, é possível compreender historicamente como a educação de gerações inteiras foi influenciada no período da Ditadura Militar e quais mudanças esse período causou no ensino de história e na configuração da Cultura Escolar do Colégio Alfredo Dantas, sabendo que é a partir das práticas e representações que vivenciamos na escola que construímos nossa identidade.

A nossa pesquisa inova no campo historiográfico, pois contribui para a História da Educação campinense e os estudos que versam sobre Cultura Escolar e Memória. Principalmente, tendo em vista a temporalidade escolhida, já que a maioria dos trabalhos produzidos sobre o Colégio Alfredo Dantas está ligada a questões pertinentes ao processo de modernização da cidade de Campina Grande e da contribuição da instituição para esse momento, no entanto, nosso caso, trabalhamos o período compreendido entre 1968 – 1987, o qual consideramos um contexto ainda não pesquisado, no que se refere a história educacional desta instituição.

Dentre as principais preocupações presentes na proposta, estão a de mostrar as práticas de memória que constituíram a Cultura Escolar dessa instituição através da investigação realizada no arquivo do Colégio Alfredo Dantas, em relação a fundamentos e festividades, e compreender como o ensino de história se constitui enquanto produtor da sua Cultura Escolar.

É nessa perspectiva que nossa pesquisa se empenhou em discutir a História Cultural das Práticas Educativas e da Cultura Escolar que contempla a história das instituições de ensino e suas práticas e representações desenvolvidas. Assim, justificamos esse estudo por esse se prestar a fechar uma lacuna na História da Educação na Paraíba e, em específico, na cidade de Campina Grande, bem como contribuir para a historiografia, que vem se dedicando a entender as práticas educativas na perspectiva da História Cultural.

Tomando a concepção de que a Cultura Escolar faz parte de um conjunto de práticas adotadas pela escola, é possível pensar um contexto histórico a partir de uma instituição escolar sabendo que isso significa olhar para esta e apontar outros tipos de artefatos, para além da arquitetura e das suas formas pomposas, mas o estabelecimento de comportamentos, normas e por que não dizer particularidades no contexto escolar, entendendo que:

A história das instituições educativas parte, assim, de um discurso sobre o passado, elaborado e tecido por enunciados científicos e por documentos que tratam de uma realidade e não apenas de recortes dela. Essa realidade é colocada por Ginzburg (1989) como uma verdade provável, que se aproxima do acontecido. (ANDRADE, 2014, p.43).

Dentre as fontes consultadas e problematizadas, realçamos os arquivos, disponibilizados pela instituição de ensino aqui estudada, a fim de analisarmos e capturarmos

o cotidiano escolar¹ as influências recebidas por esse ambiente devido a implantação da Ditadura Militar. Soma-se a essas abordagens a discussão de como o ensino de história no recorte temporal de 19 anos (1968- 1987) foi produtor da cultura escolar do Colégio Alfredo Dantas.

Afinal, muitas vezes quando passamos por diversas rupturas e contextos, não levamos em conta a conjuntura histórica, no entanto o historiador consegue olhar o plano de fundo das memórias através dos arquivos e fazer dele uma herança nítida do passado, e é dessa forma que pretendemos analisar o contexto da Ditadura Militar e de redemocratização, atrelando-se a perspectiva de Le Goff (1992, p. 535) em que “estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”.

Assim o trabalho se fundamentou em algumas etapas, objetivando um melhor direcionamento da pesquisa. No primeiro momento, selecionamos as referências bibliográficas que foram utilizadas para dar fundamento à pesquisa e a leitura da bibliografia e a análise do material pesquisado se constituíram na primeira etapa deste trabalho. Por conseguinte, estabelecemos o contato com o Colégio Alfredo Dantas, escolhido como lócus para o desenvolvimento da nossa análise, e cujas fontes pesquisadas, foram os fardamentos e as festividades, aspectos importantes na constituição da Cultura Escolar.

Para análise dos dados obtidos utilizamos a abordagem de análise de conteúdo, descrita pela autora Laurence Bardin (1997), como a análise utilizada quando se quer ir além dos significados aparentes e das leituras simples. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos. Dessa maneira, percebemos que este tipo de análise nos permitiu uma maior possibilidade de investigação sobre as mensagens e códigos presentes nas entrevistas realizadas.

Dessa forma, buscamos analisar os arquivos disponibilizados pelo Colégio Alfredo Dantas procurando o que é apontado por Ginzburg (1989), quando trata da interpretação dos sinais e o seu conjunto de conceitos e métodos investigativos e de análise, centrado em pistas, talvez, pequenas, as quais são indícios, vestígios, sintomas, fontes ou signos, que permitem captar uma realidade mais profunda de uma forma inatingível, baseando-se na minúcia de

¹ A escola era símbolo de regeneração, tendo em vista que seria através dela que o povo seria educado para amar a pátria e com ela se identificar. Seria por meio dessa instituição que um sentimento de afetividade e pertencimento à cidade e à pátria seria motivado nos/nas discentes. (ANDRADE, 2014, p.25).

detalhes, a partir dos quais, pode-se construir todo um contexto, toda uma história ou fato completo.

Trata-se, antes de tudo, de uma História da Educação e da Cultura Escolar e seu diálogo com as práticas educativas. Perceber, através da história de uma instituição escolar, o processo de influência ditatorial e redemocratização que a cidade de Campina Grande passou nesse recorte proposto é atribuir aos registros do passado um sentido a partir de pressupostos do presente.

Para isso, a pesquisa segue amparada nos referenciais teóricos e metodológicos trazidos pela Nova História Cultural², que contribuíram para o emprego de um novo olhar acerca dos estudos da História da Educação, essa que anteriormente tinha o foco voltado para atividades apenas relacionadas a concepções de cunho pedagógico e a história das legislações educacionais.

A presente investigação é resultado do alargamento dos temas e fontes propostos pela História Cultural (BURKE, 2008). Esse diálogo entre a Nova História Cultural e a História da Educação nos permite discutir as práticas diversas que foram constituídas ao longo da história da instituição escolar, sejam elas culturais, como as festividades e participação em olimpíadas, ou no âmbito institucional, como a funcionalidade do currículo, as normas e regras, pois levando em consideração o pensamento de Certeau (1982, p.11) sobre o fazer histórico entendemos que “a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita” e é a partir dessa concepção que a historiografia construída aqui ganha direção.

Aspecto que merece relevância é a forma como a análise de conteúdos nos propõe compreender a realidade do contexto histórico de forma mais concreta, pois o arquivo forneceu uma parte crucial de como era o sistema da época, a forma como a instituição era coordenada e as influências que recebia tanto do meio interno quanto externo. Desta forma, as análises dos arquivos são imprescindíveis em nossa pesquisa, visto que:

²Os estudos que iniciaram-se na segunda metade do século XX, a partir de desdobramentos da História das Mentalidades e se constituiu enquanto campo investigativo conhecido como “Nova História Cultural”, a qual ampliou abordagens, sujeitos históricos, temas e problemáticas do campo histórico, sem “fugir” da história como ciência específica ou disciplina e possibilitou assim o contato interdisciplinar, como também o estudo das práticas escolares e da cultura escolar formada ao longo do cotidiano.

O exercício do arquivo integra-se no processo de conhecimento e compreensão da cultura escolar. Os fundos arquivísticos são constituídos por documentos específicos, produzidos quotidianamente no contexto das práticas administrativas e pedagógicas; são produtos da sistemática “escrituração” da escola e revelam as relações sociais, no seu interior, foram sendo desenvolvidas pelos actores educativos. (MOGARRO, 2006, p. 79/80).

Por meio da leitura de autores como Julia (2001), Mogarro (2006), Falcon (2006) e Silva (2006), tivemos a possibilidade de perceber a Cultura Escolar e Práticas de Memória como elementos norteadores relacionados às possíveis construções das ideias referentes às concepções primordiais da nossa pesquisa. Esses autores nos forneceram base no campo teórico para toda a realização da nossa investigação. Portanto, o estudo em torno do conceito de cultura ganha força, entendendo que ela é construída através das relações e das práticas educativas, e, portanto, é necessário compreendê-la segundo a descrição de SILVA (2006, p. 208):

O significado do termo cultura tem se mostrado importante diante da necessidade de entendimento dos processos escolares históricos e atuais. A compreensão da cultura enquanto práxis, o significado de cultura como conjunto de práticas que conferem determinados significados aos lugares, aos indivíduos e aos grupos, inscreve-se no propósito de construir possibilidades de investigações histórico- educativas. (SILVA, 2006, p. 208).

Dessa forma, quando tomamos como ponto de partida o estudo da Cultura Escolar, não estamos categorizando a escola, estamos a colocando como referência para construção e reprodução das diferentes formas de se fazer cultura e das relações de poder na história da instituição. Levando em consideração que:

O objetivo primeiro do conhecimento histórico é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos e o desenvolvimento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços. O estudo histórico desempenha um papel importante na medida em que contempla reflexões das representações construídas socialmente e das relações estabelecidas entre os indivíduos, os grupos, os povos e o mundo social em sua determinada época. (BARROS, 2013, p.7).

Dessa forma, esse estudo contribui para a produção historiográfica que discute o espaço escolarizado a partir da cultura e da memória nele articulado, além de estar ligado à linha do ensino de história em curso. Logo, podemos considerar que essa pesquisa é pertinente e contribui para o campo da História, pois é relevante para o debate acerca da

história de instituições escolares e, através deste, é possível compreender a produção de cultura escolar.

Nesta perspectiva, nosso estudo abre portas para a construção da memória educativa do Colégio Alfredo Dantas, destacando a influência do período de Ditadura Militar (1964-1985) sobre a cultura e o cotidiano escolar ao longo da trajetória dessa instituição. Com esse objetivo, consideraremos a escola como uma instituição com cultura própria e original e enfatizaremos a importância da Cultura Escolar que permeia todas as ações do cotidiano na escola. Assim, será possível entender a funcionalidade e importância do espaço escolar supramencionado ao longo dos seus cem anos.

Este estudo está organizado em três capítulos, o primeiro deles, *“Nos fios e tramas da memória, tecendo os caminhos das práticas da Cultura Escolar”*, contempla discussões acerca das concepções de Cultura Escolar e de Memória em uma perspectiva teórico historiográfica, pensada a partir da realidade educacional do Colégio Alfredo Dantas.

No segundo capítulo, *“Memórias que educam, histórias que se entrelaçam”*, pensamos a configuração do fazer historiográfico a partir dos antecedentes históricos do Colégio Alfredo Dantas e do contexto da Ditadura Militar (1964- 1985).

No terceiro capítulo, *“Práticas educativas escolares e sensibilidades das memórias nas configurações cotidianas do espaço escolar”*, discutimos as sensibilidades incutidas nas práticas de memória na cultura escolar no Colégio Alfredo Dantas e como a Ditadura Militar influenciou na construção do cotidiano desta escola.

1. NOS FIOS E TRAMAS DA MEMÓRIA, TECENDO OS CAMINHOS DAS PRÁTICAS DA CULTURA ESCOLAR

Neste capítulo, discutiremos acerca das concepções de Cultura Escolar e de Memória em uma perspectiva teórico historiográfica, pensada a partir da realidade educacional do Colégio Alfredo Dantas.

1.1. Das memórias escolares às práticas da cultura escolar no Colégio Alfredo Dantas

“Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. ” (José D’Assunção Barros, 2003, p.1).

Assunção (2003) na epígrafe acima deixa nítido o fato de que houve uma mudança na forma de se construir História a partir do advento da História Cultural, responsável por dar visibilidade aos sentidos conferidos ao mundo e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas. Aspectos da cultura, das formas de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica passaram a ser presença forte na produção da História e na concepção de que todos nós somos sujeitos históricos.

Durante muito tempo, a história tradicional, dita positivista, voltou seus olhares para a construção historiográfica dos grandes acontecimentos e dos grandes heróis nacionais e para a relevância de uma minoria da sociedade, a elite. Tão somente no século XX, mais especificamente em meados dos anos 1970, a História Cultural ou Nova História Cultural entra em cena de forma efetiva, segundo VIEIRA (2015, p. 370), “de acordo com a nova tendência, voltada à história como narrativa, firmava-se a ideia de que tudo poderia ser história”.

A partir dessa nova dimensão da história, passou a ser possível para o historiador construir uma nova relação entre o passado e o presente, o que forneceu uma diversidade de fontes que antes não poderiam ser utilizadas. Isso porque essa nova compreensão do modo de fazer história busca primordialmente novos objetos de pesquisa, o que nos abre uma gama de novas fontes, bem como a ligação dessas fontes com diversas outras realidades. Sobre a História Cultural, PESAVENTO (2005) nos apresenta que:

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o faz Lynn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. (PESAVENTO, 2005, p.7).

Devido ao reconhecimento da História Cultural, é possível reconhecer também uma nova dimensão ou individualidade da existência histórica, uma nova perspectiva de se pensar a história, através da grandeza cultural. A respeito da natureza da História Cultural, segundo Chartier (1990), *apud* Falcon (2006, p.335):

[...] trata-se de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, [sendo necessário] considerar os esquemas geradores das classificações e das percepções próprias de cada grupo ou meio como verdadeiras instituições sociais, incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social. [...] pensar uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, das representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade como pensam que ela é ou como gostaria que fosse. (1990, p.25).

Dessa forma, compreendemos que, de acordo com VIEIRA (2005, p. 371), a questão epistemológica da História Cultural estaria voltada ao conceito de cultura como objeto de investigação, à análise das diversas representações sociais, das práticas culturais construídas socialmente e do processo de apropriação. Sendo assim, as representações construídas sobre o mundo não só se colocariam no lugar do mundo, como fariam com que o ser humano percebesse a realidade e, a partir dela, pudesse entender sua existência. Coube então para a História Cultural a missão de recuperar representações, assim construindo uma nova representação sobre o que já foi representado. Tomando como representação aqui a noção de Chartier (1994), que a defini como sendo duas:

[...] uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear e a definição, submetida e resistente que cada comunidade produz de si; a outra que considera o recorte objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto à sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade. (VENANCIO, 2014, p. 295).

Assim, abarcamos o pensamento sobre as representações e práticas apresentado por Roger Chartier, que entende a construção historiográfica a partir do reconhecimento de como os personagens da sociedade se apropriam do discurso e das suas representações, baseado nas relações do cotidiano como instrumentos para a construção de uma identidade única e de uma cultura própria. Para isso, tomamos como Práticas Culturais a noção de Barros (2005, p.7):

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros (BARROS, 2005, p.7/8).

Concomitante as mudanças nesse âmbito, uma concepção que passou por transformações foi a História da Educação, que, durante muito tempo, trabalhou apenas com questões voltadas para a pedagogia e para as legislações educacionais. A partir das primícias dadas pela Nova História Cultural, começou a abranger novos objetos de pesquisa, como as Práticas Escolares, o cotidiano na escola e a Cultura Escolar, assim, segundo Solá (1995), *apud* Falcon (2006, p.333), “o sentido da história educativa não se esgota no escolar, e que o educativo (e o escolar) fazem parte de uma complexa engrenagem cultural e social”.

As instituições educativas são produtoras de culturas que refletem na sociedade, já que a escola é parte fundamental da nossa construção enquanto pessoa, tendo em vista que no interior dessa existem complexidades e relações diversas de poder, de conflitos/confrontos e de aprendizados múltiplos. Pensando sobre isso, este estudo ganha força na forma como ele é construído a partir das relações e práticas culturais, pois sabemos que:

Para descrever uma cultura é necessário compreender a totalidade das relações que nela se encontram entrelaçadas, o conjunto de práticas que nela se exprimem, as representações do mundo, do social ou do sagrado. (CHARTIER, 2003, p.18).

A História da Educação apresenta-se conectada ao desenvolvimento da sociedade, entendida como conjunto das instituições e formas de convivência social, bem como a cultura, esta compreendida como fórmula para diversidade da ação criadora do espírito e das formas pessoais que ela cobre, afinal, como afirma BARROS (2003, p.1), “toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura”. Diante disso, o estudo com base na História da Educação abre portas para entendermos que:

Escolas são instituições históricas e culturais que se assemelham na arquitetura e na estrutura organizacional. Ao mesmo tempo, cada escola é terreno diferenciado, em que subgrupos sociais com diferentes interesses se definem mutuamente, caracterizando sua cultura, dentro de determinado tempo, espaço e local. Estudar a rede de significados que compõe a cultura escolar permite a identificação dos mitos, crenças e valores que direcionam determinado grupo- escola, construídos ao longo do tempo pela história cotidiana vivenciada por seus membros, e que identificam cada escola em particular. (FALSARELLA, 2018, p. 623).

A incorporação de novas abordagens e novos objetos de estudo direcionados a compreender as formas e práticas escolares através da História da Educação nos possibilitou trabalhar com a concepção de Cultura Escolar. No entanto, esse conceito parece ter diversos significados, permitindo ao historiador interpretá-la e estudá-la com uma infinidade de possibilidades. Dessa maneira, pretendemos adotar a interpretação de Cultura Escolar como descreve Dominique Julia (2001, p. 10):

Poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. (JULIA, 2001, p.10).

Enfatizamos que, conforme FALSARELLA (2018, p.622), “a despeito das características comuns a todas as instituições escolares, cada uma delas tem seu jeito peculiar de lidar com os saberes e as relações sociais”. Tendo por base esta concepção, torna-se possível, através da Cultura Escolar, compreender quais foram às influências que o espaço escolar recebeu, sejam internas ou externas, considerando que “a cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre seus ritos ou sobre a sua linguagem, seja na determinação das suas formas de organização e de gestão, seja na constituição dos sistemas curriculares” (SILVA, p. 204, 2006).

Como consequência dessas reflexões, percebe-se a relevância dos estudos sobre a Cultura Escolar e temas correlatos e é com base no diálogo dessas concepções que nossa investigação ganha fôlego, uma vez que é possível apreender as variantes que a forma escolar toma em diferentes contextos históricos. Particularmente, nesta pesquisa, abordaremos, com base nessas concepções, a Cultura Escolar do Colégio Alfredo Dantas (1968- 1987), através da nossa abordagem metodológica pautada na análise de conteúdo.

Dessa forma, procuramos discutir como foi produzida uma Cultura Escolar e de que modo às práticas de memórias elaboradas no cotidiano da escola permitem compreender a trajetória da instituição no período da Ditadura Militar (1964- 1985) e no processo de redemocratização, especialmente ao notarmos a influência que todos os âmbitos sofreram durante esse período histórico.

1.2 Práticas de Memória e Apropriação: O saber histórico e o espaço escolar

A memória é a síntese fundamental do tempo que constitui o ser do passado, o que faz passar o presente. (DELEUZE, 1988, p. 142).

A epígrafe de Deleuze nos permite compreender a memória como fundamental para ajudar o ser humano a interpretar e organizar os fragmentos do passado através do tempo. Na nossa investigação, a memória foi fundamental para identificarmos as influências deixadas ao longo da história do Colégio Alfredo Dantas e entendermos as práticas constituídas nesta instituição para que houvesse a ressignificação deste período. Ao se reportar à memória, Albuquerque Júnior (2006) enfatiza:

Na memória fica o que significa, na história se ressignifica o que fica, esta é a violência do historiador que com seus conceitos atribuem novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Violar memórias faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um novo sol para orientá-la. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p.10).

Partindo da perspectiva de Albuquerque Júnior, podemos enfatizar que as memórias fazem parte de um mecanismo extraordinário existente no cérebro humano, através delas, é possível recordar inúmeros momentos que foram vividos ao longo da nossa trajetória de vida. No entanto, lidar com as memórias nem sempre é tarefa fácil, seja pela forma como elas vão surgindo ou pelo contexto em que aconteceram. Dessa forma, surge então o papel do historiador de analisar o plano de fundo desse contexto e preencher as lacunas existentes nas memórias coletivas, segundo Tedesco (2004), “conservar, transmitir, sobreviver, difundir-se e rememorar são elementos da esfera biológica que pertencem também ao horizonte antropológico e que podem servir de base para a análise histórica do social” (TEDESCO, 2004, 74).

Tomando como ponto de partida a forma como as práticas de memória auxiliam na construção e representação do ensino de História e do espaço escolar, perpassa toda nossa pesquisa o trabalho com a memória, seja ela em forma de monumento ou documento. Dessa forma, entendemos que, conforme Tedesco (2004):

Nesse contexto de mercantilização da cultura, percebe-se a necessidade de construir uma biografia, uma história da própria vida que esteja com possibilidade de fornecer, ainda que limitadamente, um senso de continuidade do tempo num contexto de fragmentação. (TEDESCO, 2004, 74).

Essa reflexão se aproxima de nossa discussão a partir do momento em que nos faz elaborar uma nova visão a respeito do que as memórias podem fornecer, elas dão *continuidade do tempo num contexto de fragmentação*, ou seja:

Sua significação não está apenas nas suas características físicas e morfológicas, mas no que passará a representar, como identidade de determinado grupo, [...], agrupamento cultural, determinado evento, período histórico ao qual pertenceu” (TEDESCO, 2004, p.75).

Nascimento (2017, p. 193) compreende que “a Cultura permeia a sociedade e se expressa por sistemas de representação e atos, pensar como ocorre a circulação é um meio para se pensar a condição de práticas culturais por meio da multiplicidade das relações culturais”, assim pensar como foram sendo constituídas as práticas de memória no Colégio Alfredo Dantas, no período proposto para estudo, nos ajudou a ultrapassar os limites do contexto que tanto ouvimos falar e nos permite entender as singularidades desse período, suas discontinuidades e permanências e a forma como o contexto influenciou a cultura escolar formada neste espaço.

Entender o Colégio Alfredo Dantas como espaço de múltiplas histórias e entrelaçamentos de memórias nos faz perceber que o mesmo objeto de estudo possui duas funções: a de monumento, se constituindo pela escolha do historiador, e a de documento, por ser herança do passado. Le Goff (1979) deixa claro, nesse sentido, sua intenção de interpretar a história como o meio pela qual a memória coletiva viria a ser reconstruída. Tedesco enfatiza que:

Os monumentos são sempre mediadores de memória. Glória, fama, alegoria, valor cultural, social e político, histórico, controle social, poder, regionalismo, aspirações políticas... são algumas das expressões mediadas pelo monumento de memória. (TEDESCO, 2004, p.79).

Debulhar o passado através de Práticas de Memória traz consigo um profundo orgulho sobre o que seriam essas práticas, que espaços essas tomam para si e o que as mesmas carregam. Aqui percebemos as práticas de memória como sendo os vestígios de eventos escolares, festas cívicas, desfiles de 7 de setembro, os fardamentos, as aulas de História ou a maneira que aconteciam as atividades de educação física, dito de outra forma, toda e qualquer manifestação de uma cultura escolar voltada para o contexto do nosso recorte temporal. Em consonância, com o pensamento de que:

Os espaços de memória podem ser móveis ou imóveis. Arquivos, diários, romances, textos culturais (poesias), a narração oral... servem de memória funcional, de memória- arquivo, como modalidades de recordações. [...] A aliança entre memória e poder exprime-se na elaboração de forma do conhecimento histórico. (TEDESCO, 2004, p.79).

Ao nos apropriarmos das práticas de memórias do Colégio Alfredo Dantas, pretendemos compreendê-las como sugere NORA (1993):

A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem, que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (NORA, 1993, p. 9).

Dessa forma, como explícita a citação acima, a memória está intrínseca nas nossas ações e nos nossos meios de convívio, através da ressignificação continua no nosso cotidiano, na forma como vamos tendo experiências em nível singular e plural, como uma colcha de retalhos que vai sendo composta de acordo com cada prática envolta em nossa rotina e que se transforma em representações daquilo que foi definido por Chartier como “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17). Dessa forma, a história se encarrega de falar sobre as experiências vividas, compreendendo o meio pelo qual essa colcha de retalhos vai sendo moldada.

Trabalhar com essas práticas de memórias a partir dos arquivos, fotografias e fardamentos nos deixa mais próximos das histórias vivenciadas, dos momentos vividos, das emoções e das sensibilidades afloradas e das maneiras como isso foi percebido, pois esses artefatos tecem histórias através da trajetória da escola, formada e vivenciada no contexto da Ditadura Militar e de sua redemocratização. Esse trabalho contribuiu para que pudéssemos compreender como estes artefatos elaboraram suas representações mediante a conjuntura

política, social e educacional em que ele ocorreu. O nosso foco está em como esse momento influencia na forma nas práticas impostas durante esse período, o que acaba sendo gravado na memória e na história como fortes representações de algo maior, algo que estava acontecendo em torno de toda a sociedade. Dessa forma, tomamos como apoio que:

Escrever sobre memória é ter em mente que ela é uma capacidade humana que permite ter consciência da passagem do tempo, retendo e evocando fatos, experiências, propiciando um meio para a busca de respostas sobre a origem de um indivíduo ou de uma coletividade. Pela memória, fatos, eventos e lembranças são adquiridos, esquecidos, celebrados e deturpados. Assim, a defesa ao direito à memória seria, antes de tudo, a defesa ao direito à identidade e à História, ao passado constituinte de cada povo, região, de cada pessoa. (SALES, 2015, p. 158).

A partir de tal compreensão, recorreremos ao ato de assimilação das Práticas de Memórias da instituição trabalhada a fim de, as tomando como base, resignificarmos as memórias, repensarmos o lugar dos sujeitos e rompermos os silenciamentos históricos, objetivando configurar uma nova visão a respeito da trajetória histórica do Colégio Alfredo Dantas, certificando o que Albuquerque Júnior (2006) apresenta:

O historiador quase sempre está manipulando memórias. Sejam escritas (autobiografias, cartas, etc...) ou orais, as memórias individuais ou coletivas tem se transformado numa das fontes cada vez de maior importâncias para o trabalho de gestação da história. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p.1).

Dessa forma, ao pensarmos a partir das noções supramencionadas de práticas e representações, entendemos a força da Memória em nossa construção historiográfica e percebemos que essas ganham vida ao longo do cotidiano escolar, das vivências em sala de aula, da participação dos desfiles cívicos ou do fardamento. Assim, olhamos e analisamos os detalhes tomando as Práticas de Memória como fontes para ampliar a noção historiográfica da nossa investigação.

Portanto, tornamos o Colégio Alfredo Dantas como monumento, a partir da valorização e compreensão de que ele é peça fundamental na história campinense, tendo uma existência de cem anos e sendo o primeiro colégio de cunho privado da cidade de Campina Grande- PB, e o colocamos em posição de documento, como prova viva daquilo que pretendemos resgatar, como um lugar que exalta até a contemporaneidade a representação de uma postura que perpassa toda uma conjuntura histórica e que gera práticas e representações pertinentes nos costumes e padrões da vida cotidiana.

2. MEMÓRIAS QUE EDUCAM, HISTÓRIAS QUE SE ENTRELAÇAM

Neste capítulo, pensamos a configuração do fazer historiográfico a partir dos antecedentes históricos do Colégio Alfredo Dantas e do contexto da Ditadura Militar (1964-1985).

2.1. Antecedentes históricos: Percursos de memória, trajetos de histórias

Ao tomarmos o Colégio Alfredo Dantas como o principal meio para a construção do caráter, ele é pensado como uma instituição de valores e normas, que serve como um dos principais meios para a formação da sociedade campinense.

O colégio surgiu em consonância com ideal de modernidade da época, novas instituições sociais entravam em cena na cidade de Campina Grande e em todo o contexto brasileiro, junto as ideias de modernização uma nova configuração permeava a cidade, novos meios de comércio, de vestir e de se portar, atrelados ao caráter higienizador. Pensava-se em uma sociedade voltada para o progresso, a disciplina e aos bons costumes e encontrava-se nas instituições educativas o caminho para a remodelação da sociedade. Com esse novo caráter civilizador, o nosso objeto de estudo, o Colégio Alfredo Dantas, entra em cena levando o discurso do moderno para a sociedade.

A partir de então, o Colégio Alfredo Dantas, que durante 23 anos foi denominado como Instituto Pedagógico, carregou em seu seio forte ligação com a própria trajetória da cidade de Campina Grande- PB. Fundado no ano de 1919, completou seu centenário no ano da efetivação da nossa pesquisa (2019), comprovando assim sua tradição e permanência de influenciador de muitas gerações da cidade.

Figura 1:
Fachada do Colégio Alfredo Dantas no ano de 1974



(Arquivo Colégio Alfredo Dantas, fachada do colégio até 1974).

Por seu fundador ser o Tenente Alfredo Dantas Correia de Góes³ e sua esposa Yaya Dantas, um cunho forte de disciplina e ordem permearam a estrutura do colégio, mas, além disso, a fundação dessa instituição trazia atrelado o processo de modernização e educação da sociedade campinense, que, em 1919, emergia ligado a diferentes e multifacetadas necessidades por todo o contexto brasileiro. Como retrata Andrade (2014):

Ditos e falas que tratam de uma cidade cosmopolita e moderna também amparam outras décadas, permanecendo na história de Campina Grande como efervescentes e eloquentes discursos que recorrentemente encontramos em jornais, músicas, almanaques e revistas. Referenciada como uma cidade sede de grandes eventos, a segunda maior do estado paraibano, Campina Grande tem sua história narrada e cantada por inúmeros estudiosos e artistas, que a descrevem como cidade moderna e em constante progresso, produzindo, como vimos, um imaginário e uma memória cidadina de avanço e urbanização. O charme e o encanto que despertam esses discursos gestam uma sensibilidade e um orgulho de pertencimento à cidade, levando seus sujeitos a legitimarem e a se identificarem com essa imagem construída de forma convincente. (ANDRADE, 2014, p. 64).

³Segundo o *Memorial Urbano de Campina Grande* (1996), Alfredo Dantas Correia de Góes nasceu em Teixeira (PB) em 17/11/1870. Filho do Dr. Manoel Dantas Correia de Góes, presidente interino da Paraíba em 1889, casou-se com Ana de Azevedo Dantas (Yayá). Faleceu em 19/02/1944 de câncer. Atualmente a cidade de Campina Grande possui o Colégio Alfredo Dantas, uma rua e uma praça com o nome do Tenente. (ANDRADE, 2014, p. 19).

Dessa forma, a relevância do Colégio Alfredo Dantas⁴ está ligada ao ideal de uma cidade em constante avanço. Pensar na cidade de Campina Grande, nesse contexto, representa refletir as instituições de ensino como meio pelo qual a educação e modernização da cidade viriam a acontecer, tendo em vista que é a partir do colégio, pensando nos moldes da época, que a civilidade ganharia forma e identidade, que chegaria através dos discursos e das práticas educativas.

Figura 2:
Fundadores da Instituição



(Fonte: Arquivo do Colégio Alfredo Dantas, Tenente Alfredo Dantas Correa de Goes e sua esposa Yaya Dantas, fundadores do colégio).

Assim, esperamos apresentar, no decorrer da nossa investigação, uma considerável quantidade de detalhes sobre as Práticas de Memória constituídas na instituição supramencionada e que até o presente momento permanece em exercício em nossa sociedade, olhando para esta como fundamental na configuração da identidade campinense, visto que esteve atrelada desde os primeiros sintomas de modernidade de Campina Grande, permeando e instituindo uma forte influência na Cultura Escolar na sociedade.

⁴Ao longo da pesquisa utilizaremos a denominação de Colégio Alfredo Dantas, mesmo quando nos referirmos a ele enquanto Instituto Pedagógico, tomando como base a denominação que vigora até a atualidade, Colégio Alfredo Dantas.

Andrade (2014) nos alerta sobretudo para a chegada da urbanidade em Campina Grande e a divergência entre o contexto social e as emergências da época, pois essa ideia de modernidade está fortemente atrelada a ideia de nação, identidade nacional e construção de uma pátria, como sugere:

Essas formas de ver a cidade assumiam diferentes ares. Os discursos que desenhavam uma cidade de progresso, civilização e modernidade eram frutos de um chamado nacional, que buscava afastar dos novos modelos urbanos, as práticas associadas a um passado colonial e imperial. Nascimento (2013) alerta que essa questão da modernidade no Brasil surge em paralelo à constituição de uma identidade nacional. Aparece já no século XVIII, como eco das ideias iluministas e ganha maior envergadura no século seguinte, no bojo dos movimentos por independência. (ANDRADE, 2014, p. 71).

Como consequência dessa “missão civilizadora”, o Colégio Alfredo Dantas foi o precursor de uma educação profissional na cidade e, em seus primeiros anos, exerceu função formadora em todos os níveis de ensino. Cabe salientar que, durante o nosso recorte temporal (1968- 1987), ainda estavam vigentes os ensinamentos técnicos.

É importante observar que o Colégio Alfredo Dantas põe em relevo as formas de pensar, encarar e ver o mundo, mas não deixa de ser lugar de sensibilidades e emoções. Cabe pensar que a relação entre memória e história se dá sempre em uma tensão constitutiva e produtiva do que existiu no colégio. Assim, escrever a história a partir do trabalho sobre memória impõe a tarefa da percepção das práticas do outro e da atenção com a linguagem por meio da qual o outro se faz presente no mundo e constrói significados para si e para o outro em tempos diversos.

Neste sentido, há um trabalho de elaboração do passado por parte dos arquivos e documentos que deve ser objeto da atenção de quem pesquisa, salientando que a memória é uma produção situada, mas não absolutamente individualizada, na medida em que aquilo que se lembra e que se remete faz parte de um repertório compartilhado que define muito do que pode ser lembrado e enunciado por meio da expressão documental.

É neste sentido que analisar as condições de surgimento e elaboração da cultura escolar da referida instituição pode ser apresentado como um trampolim para ler, pensar e estabelecer outras relações com a história da cidade de Campina Grande no período delimitado, o que contextualizaremos no ponto seguinte.

2.2 Trajetos históricos do Colégio Alfredo Dantas (1968- 1987)

Falar sobre esse contexto evoca nas memórias uma forte presença da disciplina⁵ e da influência do Estado no cotidiano escolar e nas formas de ensino. Os anos que delimitamos como nosso recorte temporal equivalem ao início de uma atmosfera de repressão e intolerância aos segmentos que tomavam diretrizes não niveladas com as ideologias do Estado Ditatorial e entra em cena opções para incutir essas ideologias por meio da mescla de disciplinas como História, Filosofia e Sociologia em Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil. Como afirma Sá (2006):

No plano educacional, o Estado instituiu, a partir da reforma de 1971, os Estudos Sociais, mesclando História e Geografia às Disciplinas Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira. Os conteúdos e os objetivos das disciplinas História e Geografia foram direcionados para um modelo propagandista e cívico de educação, em consonância com a política repressiva do Estado ditatorial. (SÁ, 2006, p. 56).

Partindo das reflexões elaboradas por Sá (2006), entendemos que as ideias norteadoras dos Estudos Sociais, que era uma mescla entre História e Geografia, assim como as disciplinas de Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira, tinham o intuito de moldar os indivíduos à realidade que era imposta, pois esses deveriam ser cidadãos que cooperavam com os ideais da Ditadura Militar. Não existia, dessa forma, liberdade para se pensar fora dos moldes da realidade instituída, pois sempre presava-se pelos objetivos nacionais.

⁵No livro *Microfísica do Poder*, Michel Foucault define que “a disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. E o poder de individualização que tem o exame como instrumento fundamental” p.98

Figura 3:
Desfile de 7 de setembro no ano de 1969



(Fonte: Arquivo do Colégio Alfredo Dantas, desfile de 7 de setembro no ano de 1969).

A figura 3, apresenta uma das inúmeras práticas desenvolvidas no Colégio Alfredo Dantas, a participação dos seus alunos e atores em um desfile de 7 de setembro, no ano de 1969, ano em que completaram 50 anos de existência, no auge da Ditadura Militar, contexto escolhido como plano de fundo para nossa pesquisa e que nos provocou inquietação.

Durante o período de Ditadura Militar, vários colégios aderiram às exigências do Governo, diferente dos outros, o Colégio Alfredo Dantas já tinha em seu repertório da Cultura Escolar um cunho de disciplina e moral forte, devido a toda conjuntura de sua fundação e as ideias pertinentes ao Tenente Alfredo Dantas⁶, seu fundador.

Torna-se pertinente a ideia de uma exaltação da disciplina, que permeia toda a conjuntura histórica do Colégio Alfredo Dantas. Disciplina sendo definida por Foucault, como:

O momento histórico das disciplinas é quando nasce uma arte do corpo humano, que não visa apenas o desenvolvimento das suas capacidades, nem o aprofundamento da sua sujeição, mas a formação de uma relação que, no mesmo mecanismo, o torna tanto mais obediente quanto mais útil e inversamente. (FOUCAULT, p. 117, 1975).

⁶Por se tratar de um Tenente, sua formação militar acaba por influenciar diretamente a constituição da cultura escolar, prática acolhida no Colégio Alfredo Dantas, este desde sua fundação, enquanto Instituto Pedagógico.

A disciplina em nosso trabalho acaba por ter dois vieses importantes: o primeiro sugerido por Foucault, na citação acima, indica a disciplina⁷ como sendo o meio pelo qual se molda os corpos e os fazem úteis e dóceis⁸ para os desejos e mecanismos do Estado; o segundo, por sua vez, seria a disciplina enquanto promotora de seres com caráter e respeito para e em função da nação.

Figura 4:

Professor Loureiro em uma de suas participações em sala



(Fonte: Arquivo Colégio Alfredo Dantas).

Em relação a essa questão, na figura acima, observamos a presença do Professor Loureiro, então diretor do Colégio Alfredo Dantas, em uma das suas visitas as salas de aula, visto que a sua presença denotava respeito e ordem nas turmas, pois como se refere Foucault (1975):

O exercício da disciplina pressupõe um dispositivo que coaja por meio do olhar; um aparelho no qual as técnicas que permitem ver induzam efeitos de poder, e no qual, em contrapartida, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre os quais se exercem. (FOUCAULT, 1975, p. 138).

⁷Começa a nascer uma «anatomia política», que é também uma «mecânica do poder»; define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se deseja, mas para que funcionem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determinam. A disciplina fabrica assim corpos submetidos e exercitados, corpos «dóceis». A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos económicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 1975, p.117).

⁸O conceito de corpos dóceis foi formulado por Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir*, publicado em 1975, desenvolvendo a genealogia como método para análise das relações de poder- saber em sua capilaridade.

A disciplina permeou esses lugares de memória, representado pelas carteiras enfileiras, os fardamentos intactos, a personagem do diretor visitando as salas de aula para observar e fazer o exercício da disciplina, as formas de participação dos alunos, toda uma atmosfera de vigilância é configurada na escola e o não cumprimento dessa disciplina acarretaria punições, advertência e transferência, que são modos de controle e de ordem.

O período de Ditadura Militar foi responsável por diferentes formas de controle na educação, seja na forma do discurso, ou nas normas e regras, entendemos que cada ação do Governo exprimia a necessidade de impor seus objetivos, enquanto representante da nação, que deveria ser cada vez mais disciplinar corpos dóceis, através de controles sociais.

A ordem e o progresso eram ideologias compartilhadas por todos os ambientes que tinham como viés controlador o Estado, nas práticas escolares desta instituição não foi diferente. A Cultura Escolar é um dos fatores primordiais da escola, ela seria a alma da instituição, aquilo que teria a essência formadora de opiniões e que delimita toda a conjuntura a qual a escola deve ser submetida, tais como as normas, regras, os fardamentos, personagens do colégio e as festividades que merecem a atenção dos alunos. Em meio a essa cultura, ter a interferência dos mecanismos militares acaba por influenciar diretamente a formação das identidades dos atores sociais da instituição de ensino e conseqüentemente da sociedade.

A fotografia abaixo demonstra essa interferência: nos anos 60, início da Ditadura Militar, em um dos desfiles de 7 de setembro do Colégio Alfredo Dantas, na faixa carregada por dois alunos da instituição, conseguimos identificar um dos principais jargões do Regime Militar, “*Liberdade: Ordem e Progresso*”, isso remete a todos os que estavam assistindo ao desfile que a ordem e o progresso seriam a solução para que o povo brasileiro conseguisse a tão sonhada liberdade.

Figura 5
Desfile de 7 de setembro nos anos 60



(Fonte: Arquivo Colégio Alfredo Dantas. Desfile cívico 7 de Setembro, anos 60).

A forma como a Ditadura Militar interferiu na vida e no cotidiano da escola, conseqüentemente na sociedade, está na imposição de novas normatizações, nos fardamentos com símbolos que remetem a militarização, na mescla de disciplinas da área de humanas, as quais deveriam expandir e incitar o posicionamento crítico dos alunos. Esses são os meios pelos quais o colégio desenvolveu sua disciplina, a moral e os bons costumes para o controle dos corpos, dos pensamentos e no incentivo e fortalecimento da unidade nacional, visto que o contexto político e social influenciava no espaço escolarizado e nas práticas educativas nele desenvolvidas.

A partir desse contexto, capturando e ressignificando as memórias em forma de práticas, conseguimos fazer nossa construção historiográfica, pautada nas sutilezas e sensibilidades desse período que marcou a história do nosso país, bem como os trajetos históricos da Cultura Escolar nesta instituição.

3. PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES E SENSIBILIDADES DAS MEMÓRIAS NAS CONFIGURAÇÕES COTIDIANAS DO ESPAÇO ESCOLAR

Neste capítulo, discutiremos, a partir das sensibilidades inculcadas nas práticas de memória na cultura escolar no Colégio Alfredo Dantas, como a Ditadura Militar influenciou na construção do cotidiano na escola, com base nas fotografias e fardamentos.

3.1 Vestindo civilidade e praticando moralidades: fardamentos e festividades escolares

Ao trabalharmos com as Práticas de Memória, ressignificamos a história do Colégio Alfredo Dantas, pois encontramos nas sensibilidades destacadas a preservação de valores, o fortalecimento e a projeção das normas e regras, a imposição de disciplinas e discursos voltados para fidelidade ao trabalho e da integração na comunidade junto ao ideal de nação. Na figura 6, encontramos um dos principais meios pelo qual a Cultura Escolar começa a ser definida, em que o cotidiano escolar passa por alterações em função dos desfiles cívicos.

Figura 6
Se os homens se unirem, seremos o amanhã



(Fonte: Arquivo Colégio Alfredo Dantas. Desfile cívico 7 de Setembro, anos 60).

“*Se os homens se unirem, seremos o amanhã*”, a ideia de uma unidade nacional capaz de projetar um futuro grandioso se uniu a “missão civilizadora” que o Colégio Alfredo Dantas carregava consigo. Percebemos nos arquivos que existia uma participação efetiva do exército

na vida e no cotidiano dos alunos do Colégio através das competições, o que permite pensar que, mesmo de maneira sutil, essa presença existia.

Esses marcos das Práticas de Memória demonstram um misto das relações e das representações que as práticas educativas nos remetem, pois olhamos para o Colégio Alfredo Dantas a partir de duas percepções: a primeira voltada para sua importância enquanto formador do caráter e da identidade de várias gerações da cidade de Campina Grande; e a segunda como um espaço de lembranças boas e recordações do tempo de escola. Essas duas percepções se unem e se dividem a todo o momento e, de forma direta ou sublime, ambas, pensando a partir da Ditadura Militar, demonstram essa influência.

O fardamento, outro exemplo de Práticas de Memória, é uma representação de uma instituição, uma maneira de dizer que aquela escola existe e ela é representada, não apenas nos prédios e nos currículos, mas na indumentária, pois a instituição é representada a partir da farda e institui lugar de poder da escola e educação, mas é também espaço de recordação, saudade e sensibilidade.

A partir do fardamento, as pessoas representam não apenas relações de poder, mas representam o carinho que tem pela instituição, o que denota a importância que o aluno tem para a escola e que a escola tem para o aluno. A farda é um espaço de memória, de história, de práticas de memória, ela evoca um lugar de recordações, de silenciamentos, de momentos recalçados, de felicidade. Com a farda todas as ações, dentro do cotidiano da escola, aconteceram, com ela se brincou, correu, entrou na escola, é a partir da farda que o movimento de se sentir pertencente ao colégio acontece.

Quando olhamos para os fardamentos, nos reportamos para os corredores do colégio e os inúmeros intervalos, lembramos dos professores, das salas, dos colegas que também vestiam as fardas, lembramos de um tempo que foi vivido e compartilhado por todo um grupo de sujeitos educativos.

Do ponto de vista da Cultura Escolar, a farda também é uma representação. No contexto que trabalhamos, o Colégio Alfredo Dantas desenvolveu vários tipos de fardamento, e, ao longo da trajetória que essa instituição teve na cidade, foram desenvolvidas fardas que lembrassem dessa trajetória e o quanto ela foi significativa no contexto da instituição. Então analisaremos dois modelos de fardamentos, que utilizamos como representação da farda e das práticas que a mesma desenvolveu.

No primeiro modelo, a farda fez parte do repertório do Colégio nos anos 60, era um contexto de início da Ditadura Militar. Como o fardamento manifesta aspectos da

representação da escola, ele nos diz muito sobre como as influências externas de conjuntura nacional repercutiu sobre o que a escola estava vivenciando, coloca em cena a influência e apropriação que o colégio fez e como isso é diretamente ou indiretamente ligado à presença dos aspectos de poder militar.

Figura 7
Fardamento na cor Caqui, anos 60



(Fonte: Arquivo Colégio Alfredo Dantas)

Na figura 7, analisamos a cor caqui como predominante, o que tem forte referência às cores do exército, com listras vermelhas representando a marca da escola e que traz o sentido de fortaleza e remete ao esplendor. No entanto, a farda em si consegue emitir a configuração de alunos vestidos como um “pequeno exército”, ou seja, não é um fardamento de uma instituição escolar que seria desprovida de uma perspectiva de apropriação, mas, mediante a ideologia da época e a repercussão sobre ela, o fardamento também se aproximou do contexto, a Ditadura Militar. Logo a escola, seguindo os rumos que foram necessários naquele momento, implementou um fardamento que veio em consonância com a conjuntura político-social.

Percebemos uma característica fundamental: as demarcações da série em que o aluno estava também remetia a uma apropriação da escola com relação ao fardamento do exército,

que em sua configuração original demarcam a hierarquia a partir de signos próprios das correntes militares. Assim, a farda imprimia essa perspectiva militar, corroborando com as adequações feitas em suas disciplinas curriculares e conteúdo, como já abordado em outro ponto, e na sua disciplina enquanto normas, regras e condutas, portanto a farda veio contribuir com isso.

Esse fardamento, na cor caqui, com tecido grosso, listras vermelhas, quatro bolsos, botões, remete uma marca muito mais militarizada de ensino do que deveria ser, partindo da análise de que a escola não era uma escola de cunho militar. Entretanto, ela representou e se apropriou da prática do fardamento, pois este fazendo parte da Cultura da Escola, representou o contexto em que esta estava inserida.

A instituição trouxe consigo uma corrente que dava notoriedade a militarização e a ideia de nação. Outro aspecto que corrobora com esse pensamento são as chamadas bandas marciais e os desfiles cívicos, pois eles eram momentos de grande importância para o colégio e que necessitava da participação dos alunos, como sugere a figura 8, na recordação abaixo, nas placas carregadas pelas alunas “*Ordem Nacional*” e “*Segurança Nacional*”.

Figura 8

Desfile cívico, anos 70



(Fonte: Arquivo Colégio Alfredo Dantas)

No segundo momento, diante de transformações que estavam acontecendo na própria Ditadura Militar, a escola migra de um fardamento que trazia as características militarizadas para um fardamento que lembra uma instituição de ensino formal, na coloração marrom e branca. Ao analisarmos esse fardamento, percebemos uma mudança focada na forma de

representação do Colégio e os traços que apontam para a consciência do processo de redemocratização.

Figura 9
Fardamento marrom e branco, anos 70



(Fonte: Arquivo Colégio Alfredo Dantas)

As cores branca e marrom, mostram uma certa neutralidade, diferente do fardamento apresentado anteriormente, assim a calça marrom e a blusa branca com botões e bolso com a marca da escola acompanharam a transição que a Ditadura Militar estava passando, especialmente se fizermos a reflexão de que, nos anos 70, uma onda de oposição⁹ à Ditadura ganhou força e, posteriormente, a ideologia do contexto militar foi perdendo sua força.

Da farda, emanam inúmeros aspectos próprios da Cultura Escolar, como sua coloração, a forma de vestir, os signos e símbolos impressos nela. Essa vestimenta apresenta também múltiplas formas de representação que estão imbuídas na escola, pois evoca maneiras de disciplinar e praticar a ordem e a moral para conseguir a docilidade dos corpos, como também de apropriação e respeito ao contexto, anunciando a influência da Ditadura Militar no colégio.

⁹ O surgimento de setores oposicionistas nos anos 70, greves e a eclosão de movimentos sociais de protesto, entre eles o movimento estudantil universitário, assim como grupos e organizações políticas de esquerda, contrários a Ditadura Militar, organizaram movimentos urbanos e passaram a enfrentar a ditadura de forma efetiva.

Além da própria farda, existia uma constante inspeção dos fardamentos, da higienização dos alunos, da cor das meias e dos sapatos, pois os alunos deveriam estar alinhados e compostos e prontos para representarem a escola. Assim, apesar de sutis, as formas de controle do corpo e de vigilância fizeram claramente parte do cotidiano e da cultura do Colégio Alfredo Dantas. Mas, ao mesmo tempo em que o período militar “militarizou” a concepção de farda, essa época também trouxe uma contradição, pois esta instituição é apontada como espaço de saudade e lugar de memória, envolvendo todo um misto de sentimentos e sensações.

Isso nos traz outros espaços que merecem análise: as festividades cívicas com episódios marcantes do tempo de escola, pois elas evocaram as sensibilidades memoriais sobre a trajetória da instituição.

A escola organizava seus alunos para os desfiles cívicos, pois era um momento que se sobressaía com relação ao cotidiano escolar. Além disso, destaca o trato que deveriam ter com a higiene e o fardamento, o qual era adicionado o símbolo da República Federativa Brasileira. Esses são detalhes que ficaram registrados na memória.

As festas de formatura são recordações que trazem memórias de episódios de culminância escolar, que eram momentos de sociabilidade, descontração e encontros festivos que convocam as sensibilidades humanas, ao mesmo tempo em que era um momento de conquista da conclusão dos estudos, portanto considerado também momento de separação. As lembranças e o momento em que se deixa de representar o colégio a partir da farda, pois se prescindiu de fazer parte daquela instituição, se ampliam nas festas de formatura, apesar de que ela não deixa de fazer parte da vida escolar. A figura 10 faz parte das lembranças de uma colaboradora em sua festa de formatura, a foto com toda a turma em frente à cantina do Colégio Alfredo Dantas.

Figura 10
Turma de concluintes- 1987



(Fonte: Arquivo pessoal de uma colaborado)

A cantina, lugar de acolhimento, nos revela os tempos de intervalo (recreio), de conversas e alimentação. A fotografia acima traduz também algo que se começou a colocar em evidências nas sensibilidades que as memórias proporcionaram. Ao olharmos para o contexto nacional, a Ditadura Militar estava em cena e, se formos afunilando nossa análise, a própria cultura da escola se unia e se desligava de toda essa conjuntura, se adequando ao que se requisitava as escolas privadas naquele momento.

Assim, a partir dessa análise e de todas as outras, foi possível entender a mescla entre a moral e o proibido, entre a Cultura Escolar e a Ditadura Militar, as influências externas e internas. Cada recordação, fotografia, detalhe e lembrança formaram a Cultura Escolar do Colégio Alfredo Dantas e em nossas páginas demos voz e cor a essa cultura que ainda têm tanto para falar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar e estudar a cultura de uma escola é fundamental para compreendermos como aquela instituição se desenvolveu ao longo do tempo. Na pesquisa em história e no campo da educação, esse trabalho com a cultura da escola nos possibilitou ler a realidade social local, entendendo a história da educação no município a partir do que a escola produziu e como ela produziu, dentro do contexto temporal de sua existência.

Trazer esse debate para o campo dos estudos históricos é importante e relevante, porque contribui para os estudos sobre a História da Educação campinense, mas também para a história das instituições escolares na perspectiva da Cultura Escolar, uma vez que ressalta aspectos da participação, atuação, memórias, recordações e lembranças do tempo de vigência da escola em nossa sociedade. Esse tipo de pesquisa ressignifica a importância da escola e das vivências dos atores sociais que fizeram parte dela.

Nosso estudo nos permitiu compreender a importância da instituição escolar e das produções que a escola desenvolve a partir da sua cultura, tais como fardamentos, desfiles cívicos, festividades e outros momentos marcantes na vida de seus alunos. Isso nos ajudou a compreender a memória educacional brasileira e paraibana a partir do contexto da Ditadura Militar.

Partindo dessa perspectiva, ter desenvolvido essa pesquisa foi relevante para entendermos como o Colégio Alfredo Dantas desenvolveu práticas de memória no contexto da cultura escolar durante o período da Ditadura Militar, época marcada por exceção e opressão e que repercutiu seus sintomas ditatoriais na escola no cotidiano próprio da escola, sobre as festividades cívicas, os fardamentos, o ensino de história e geografia.

Pesquisar sobre a cultura da escola com base nos seus artefatos arquivísticos nos fez perceber como a escola, ao longo desse período que recortamos para estudo, desenvolveu diferentes práticas educativas que foram recepcionadas como importantes, pois formaram consciências junto a um momento de opressão em que a própria escola estava representando uma ideia de poder que vinha dos Governos militares.

Entretanto, essa pesquisa nos fez perceber que o Colégio Alfredo Dantas é também espaço de sensibilidade, em que as emoções se afloram e as subjetividades podem ser lidas através das memórias. Memórias essas que contribuíram para nos fazer pensar essa instituição como esse espaço de saudade e de lembrança, ressignificando e dando voz aos trajetos da instituição na nossa investigação.

A partir do nosso estudo investigativo, compreendemos que este colégio não é apenas uma instituição educacional, mas uma escola que trouxe a possibilidade de transformar a vida de seus personagens. Sem dúvidas, ela foi formativa, cumprindo seu papel no campo educacional, mas mais que isso, enquanto espaço de saudade e de lembrança, esta que ressignificamos neste estudo e que nos permitiu perceber a riqueza de detalhes da cultura do Colégio Alfredo Dantas.

Mergulhamos nas memórias do colégio, percorremos seus os corredores, pensamos em situações engraçadas, nas filas do lanche, nas brincadeiras dos alunos, nas aulas de Educação Física, nos professores e nos reportamos as cores e tecidos dos fardamentos. Esse mergulho nos proporcionou a escrita da nossa historiográfica, são histórias particulares e práticas que deram total significado a trajetória do Colégio Alfredo Dantas e nos permitiram ressignificá-la através da escrita da história, nos dando oportunidade de dizer o que ainda não tinha sido dito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Vivian Galdino de. **Alfabetizando os filhos da rainha para a civilidade/modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande-PB (1919-1942)**. 302 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Violar memórias e gerar a história; abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil**. Natal: 2006. 11p.

_____. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto. 2011.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **A História Cultural Francesa- Caminhos de investigação**. Revista de História e estudos Culturais. Vol. 2, 2005.

_____. **História Cultural – um panorama teórico e historiográfico**. Textos de História, UNB, volume 11, nº 1 e 2, 2003.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **ENSINO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL**. 2013. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf. Acesso em: 18 mar. 2019, 20:15.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história/Michel de Certeau**; tradução de Maria de Lourdes Menezes Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativas: tempo, memória e identidades**. 2003. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf. Acesso em: 16 out. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

FALCON, Francisco José Calazans. **HISTÓRIA CULTURAL E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. Revista Brasileira de Educação, v.11, n.32, maio/ago. 2006.

FALSARELLA, Ana Maria. **Os estudos sobre a cultura da escola: Forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder**. Educ. Soc., Campinas, v. 39, nº. 144, p.618- 633, jul- set, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. Roberto Bêlgica. França, 1973 e 1980.

_____. **1926-1984- Vigiar e punir- Nascimento da Prisão** – Tradução de Raquel Ramalhe. Ed. 42. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória**. In. Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de história/ Marths Abreu, Rachel Soihet e Receba Gontijo (orgs.). – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto de Estudo**. Revista Brasileira de História da Educação, n° 1, Maringá, PR, 2001.

MOGARRO, Maria João. **Arquivos e Educação: a Construção da memória Educativa**. Revista de Ciências da Educação, n.1, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3 ed, Autêntica Editora, 2005.

_____. LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. P. 7-21.

SAVIANI, Dermeval. **Instituições Escolares no Brasil: Conceito e reconstrução histórica**. Campinas- SP, HISTEDBR; Sorocaba: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007. (Coleção Memória da Educação).

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa**. Editora UFPR. Educar, Curitiba, n. 28, p. 201- 216, 2006.

VENANCIO, Giselle Martins Venancio. **Os Historiadores: Clássicos da História -Roger Chartier (1945-)**. Editora Vozes, 2014.

VIEIRA, Alboni Marisa DudequePianovski. **A HISTÓRIA CULTURAL E AS FONTES DE PESQUISA** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n° 61, p. 367-378, 2005.

TEDESCO. João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://fundamentos1.wordpress.com/2009/09/23/memoria-historia-e-lugares-de-memoria/>

SÁ, Patrícia Teixeira de. **A socialização de professores de história de duas gerações: os anos de 1970 e de 2000**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2006.

SALES, Eric de. **Cronos, Mnemosine, Clio E A Defesa Do Patrimônio**. Revista Historiæ, Rio Grande, 6 (2): 153-166, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/viewFile/5589/3500>.

NASCIMENTO, Aline de Jesus. **Roger Chartier: contribuições e perspectivas gerais de suas obras.** NAMID/ UFPB. 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE- A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA - CH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

OFÍCIO/027/2018/CH/CEDUC/UEPB

Campina Grande, 04 de dezembro de 2018.

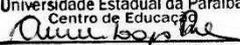
Da: Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira
Coordenadora do Curso de Licenciatura em História, Campus I - UEPB

Para: Paulo Gustavo Loureiro Marinho
Gestor do Colégio Alfredo Dantas, Campina Grande - PB.

Encaminhamos a Vossa Senhoria Maria Leticia Costa Vieira, Matrícula: 161290329, discente regularmente matriculada no curso de Licenciatura Plena em História, Campus I da Universidade Estadual da Paraíba que, nos afazeres de suas atividades acadêmicas, necessita realizar pesquisa referente ao seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Neste sentido, solicitamos a necessária autorização para que a citada aluna tenha acesso aos arquivos e demais fontes que lhe possa ser acessíveis em sua pesquisa.

Nossos agradecimentos.

Atenciosamente,

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação

Prof.ª Dr.ª Auricélia Lopes Pereira
Coordenadora do Curso de História
Matrícula 122418-2

Deferido!

30/1/19